

LUCIANO DE SAMÓSATA E A FILOSOFIA:  
EM BUSCA DA SOMBRA DO BURRO

Profa. Dra. Dulcileide V. do Nascimento Braga<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Luciano de Samósata adotou uma postura cética em relação ao dogmatismo filosófico. Tal postura fica evidente na obra *Hermotimo ou As escolas filosóficas*, em que dois interlocutores — Hermotimo e Licino — ao longo do percurso de um dia, argumentam através de inúmeras comparações acerca do estoicismo e de outras correntes filosóficas. Este artigo consiste em demonstrar qual era o pensamento de Luciano, expresso por meio da personagem Licino, sobre a filosofia vigente e a filosofia ideal.

Palavras-chave: Luciano, *Hermotimo*, filosofia, ceticismo.

**ABSTRACT:**

Lucian of Samosata adopted a skeptical attitude toward the philosophical dogmatism. This attitude is evident in his work *Hermotimo or The philosophical schools*, in which two parties — Hermotimo and Lycinus — along the course of a day, argue through countless comparisons about stoicism and other philosophical currents. This article is to demonstrate which was the thought of Luciano expressed by Lycinus character on the current philosophy and the ideal philosophy.

Keywords: Luciano, *Hermotimo*, philosophy, skepticism.

Texto:

Pelo contrário, Hermotimo, afligir-te-ás muito menos, desde que te compenêtres de que não és o único a ficar arredado desses ansiados bens, porquanto todos àqueles que se dedicam à filosofia lutam, por assim dizer, pela **sombra dum burro** (LUCIANO. 1986:117).

Luciano nasceu em Samósata, província romana da Síria, perto do ano de 120, e morreu pouco depois de 181, provavelmente em Alexandria, no Egito. Pouca coisa se sabe a respeito da sua vida, mas o apogeu de sua atividade literária se deu entre 161 e 180, durante o reinado de Marco Aurélio. Escreveu em grego e se tornou conhecido por seus diálogos satíricos e suas críticas aos costumes e à sociedade da época. Mais de oitenta obras são atribuídas a Luciano, entre as quais se destacam *Lúkios ou O burro*, *Uma história verídica*, *O parasita*, *Elogio da mosca*, *Diálogos das hetairas*, *Diálogo dos mortos*, *Como se deve escrever a história*, *O sonho* ou *O galo*. Entretanto, Luciano e o teor de suas obras ainda não é amplamente conhecido, sendo até mesmo negligenciado, por muitos estudiosos de diferentes áreas do saber da atualidade.

Trataremos neste artigo de uma obra pouco conhecida de Luciano intitulada *Hermotimo*. *Hermotimo* tem como personagens Licino, um questionador das crenças filosóficas, e Hermotimo, um seguidor da corrente estoica cujo nome honra ao deus Hermes — deus psicopompo que além de músico e construtor da lira, era um ladrão exímio e patrono das atividades comerciais. A obra se resume a uma crítica aos discursos propagados pelas diferentes correntes filosóficas e a postura dos homens diante do pouco conhecimento das mesmas, utilizando para isso a estrutura de diálogo apoiada nos pressupostos retóricos, bem próximo, por exemplo, da estrutura dos diálogos platônicos.

A filosofia na Grécia clássica buscava intervir na formação da população. Em *Hermotimo*, Luciano busca, apoiado no modelo retórico platônico, não satirizar, simplesmente, mas criticar os objetivos das correntes filosóficas — principalmente a filosofia estoica que pretende ser o único caminho para a virtude e a felicidade — presentes na sua época, bem como o modo de convencimento utilizado para “arrebancar” adeptos. O estilo de Luciano caracterizado comumente pela utilização da paródica, neste texto, evidencia a apropriação de exemplos textuais dos principais autores das diferentes áreas de saber das épocas anteriores à sua produção para corroborar suas ideias e obter o convencimento. Entretanto, cabe salientar que esse processo de criação não se restringe à cópia dos autores, mas da apropriação de exemplos literários difundidos e inseridos em seu contexto sócio-político-cultural para convencer, ou seja, o discurso de Luciano está repleto de metáforas, referencialidades, buscando com uma crítica irônica refletir sobre os objetivos/estrutura não só do estoicismo, mas das diversas correntes filosóficas existentes. Para resumir a intencionalidade dos textos luciânicos utilizaremos a definição do especialista Jacyntho Lins Brandão (2001:134):

Luciano não pretende nem a substituição da visão de mundo grega, nem sua reinstauração. Não tem nostalgia do passado, nem esperança no futuro. Luciano é pensador da crise: da sua própria crise

---

<sup>1</sup> Professora adjunta de Língua e Literaturas gregas da UERJ e coordenadora do Projeto de Extensão *Metanoia*.

enquanto intelectual culturalmente colonizado e filho de uma terra politicamente dominada por um império, bem como da crise de seu tempo, da crise da Paideia.

Hermotimo usa os seguintes argumentos para ter escolhido o estoicismo em detrimento das outras correntes filosóficas:

[...] Também ouvia toda a gente dizer que os epicuristas eram sensuais e voluptuosos, que os peripatéticos eram ávidos de riquezas e quezilentos, que os platônicos eram orgulhosos e vaidosos, ao passo que a respeito dos estoicos, a maioria das pessoas afirmava que eram corajosos, que sabiam tudo, e que só o homem que seguisse por tal caminho era rei, só esse era sábio e reunia em si todas as virtudes (LUCIANO, 1986:41-43).

A palavra estoicismo origina-se do termo grego *stoá* – da expressão grega *stoá poikilé*, “pórtico pintado”, local em que Zênon de Cítion se reunia com seus seguidores. O estoicismo traz-nos à memória a postura daqueles que escrevem livros de autoajuda em busca de um suposto “bem viver”, ou seja, o estoicismo considerava que a ética e as questões morais eram mais importantes do que as questões teóricas. Para tanto, os estoicos buscavam uma vida virtuosa e dividiram as virtudes em três categorias: a “natural”, a “moral” e a “racional”, sendo que à virtude “natural” correspondia a Física, à virtude “moral” correspondia a Ética, e à virtude “racional” correspondia a Lógica. Era necessário viver em harmonia com a natureza e consigo mesmo, fugindo dos vícios e das paixões.

O subtítulo deste artigo — *em busca da sombra do burro* — teve como inspiração a própria obra analisada. A expressão “sombra do burro” — citada na epígrafe deste trabalho — traz à memória a fábula de Esopo em que dois homens (dono do burro e condutor) reivindicavam o direito de descansar à sombra do animal. Enquanto os dois discutiam, esqueceram do principal, do burro, e este foge. Segundo Renzo Tosi (2010:230), a expressão grega “sobre a sombra do burro” é utilizada por diversos autores gregos, inclusive Luciano, e “constituiu o título de uma comédia de Arquipo que não chegou até nós, indica um objeto de discussão fútil, a propósito do qual só os tolos podem criar polêmica”.

Luciano, através das intervenções do personagem Licino, demonstra o erro/descuido das pessoas que acreditam em coisas não evidentes, tal como o caminho dos estoicos ser o único que conduz à filosofia e que faria Hermotimo aceder à Virtude. Licino leva à conclusão de que a única atitude filosófica verdadeira séria “pensar o comum”, mas para chegar a essa conclusão ele leva Hermotimo a várias reflexões. O primeiro questionamento é sobre “como podemos reconhecer a melhor escola filosófica”:

(...) Em primeiro lugar, poderias ensinar-nos também a nós este ponto: como é que, logo de início, podemos reconhecer a melhor escola filosófica, aquela que diz a verdade, aquela que um homem pode escolher em detrimento das restantes (LUCIANO, 1986:41).

Em segundo, se o estoicismo é uma prática filosófica que almeja a felicidade plena evitando todo e qualquer prazer corporal – paixões e bens – como as atitudes do mestre de Hermotimo não correspondem com a teoria que diz seguir? Isso ficou evidente com sua postura em um banquete: Diz-nos o texto:

[...] tendo ele sido convidado para jantar ontem em casa do célebre Êucrates, que festejava os anos da filha, no decorrer do banquete dissertou abundantemente sobre filosofia, abespinhou-se um tanto ou quanto com o peripatético Eutidemo e discutiu com ele os argumentos que esses filósofos costumam opor aos da banda do Pórtico. Durante a festa, que segundo dizem, se estendeu até para lá da meia-noite, a gritaria provocou-lhe uma forte indisposição de cabeça, e fartou-se de suar; a juntar a isso, quando chegou a altura de os convidados, segundo o costume, brindarem à amizade, já estava bem bebido – mais, creio eu, que o razoável; e também tinha comido mais do que convém a um velho – a tal ponto que, como me afirmaram, regressado a casa, fartou-se de vomitar (LUCIANO, 1986:34-35).

Além deste relato de Licino, em que o mestre de Hermotimo esbaldou-se em bebida e comida, a continuidade do texto diz que ele não satisfeito com a insistência de seu adversário filosófico, acertou-o com uma taça, causando-lhe um ferimento na cabeça. Associado a este episódio, Licino relata também que o mestre de Hermotimo cobrava por seus ensinamentos buscando enriquecer. Tal relato de Luciano evidencia uma crítica a esta filosofia e a seus seguidores que não conseguem, na prática, transformá-la em um estilo de vida, mas o que disseminam em palavras nada mais é do que uma teoria impraticável. A postura do mestre de Hermotimo contraria as teorias estoicas, como nos diz o próprio Hermotimo:

[...] Todo aquele que conseguiu aperfeiçoar-se na virtude, não mais será escravo nem da cólera, nem do medo, nem da paixão; não mais sentirá tristeza; numa palavra: não será afetado por qualquer sentimento deste gênero (LUCIANO, 1986:29).

E também difere de qualquer postura filosófica que, segundo Vernant (1988:483-4), é almejada por todo filósofo:

Assim se reconstitui, por detrás da natureza e além das aparências, um pano de fundo invisível, uma realidade mais verdadeira, secreta e escondida, que o filósofo se encarrega de atingir e da qual ele faz o

próprio objeto da sua meditação. Ao se prevalecer desse ser invisível contra o visível, do autêntico contra o ilusório, do permanente contra o fugaz, do certo contra o incerto, [...] a sua transmissão, através do ensino do mestre ao discípulo, conserva em alguns aspectos o caráter de uma iniciação. Mas a filosofia traz o mistério para a praça. Não faz mais dele o motivo de uma visão inefável, mas o objeto de uma investigação em pleno dia. **Pelo livre diálogo, o mistério se transmuta em um saber** cuja vocação é ser universalmente compartilhado.

Hermotimo entende que a filosofia leva à felicidade e à sabedoria, ou seja, “limpa e depura” os homens de modo que não pratiquem injustiças e nem busquem os prazeres do mundo em que estão inseridos. O mundo que Hermotimo idealiza se contrapõe, contudo, às experiências de seu cotidiano. Tal estrutura de mundo se distancia do que Licino vê como realidade. Assim, a figura desta personagem se contrapõe ao realista Licino, pois, para este a postura do mestre de Hermotimo e o patamar idealizado por ele são contraditórios e não encontram respaldo em suas ações.

LICINO – Então, pelos deuses!, que é que ele diz das condições de vida e da felicidade que lá reinam? Fala, por exemplo, de riqueza, glória, prazeres incomparáveis...?

HERMOTIMO – Sabedoria, coragem, beleza autêntica, justiça e o convencimento de conhecer todas as coisas de ciência certa, cada uma tal como é na realidade. Quanto a coisas como riquezas, glórias, prazeres e demais bens físicos, tudo isso ele deixou cá em baixo, de tudo se despojou para efetuar a ascensão – tal qual se conta a respeito de Hércules, o qual, após ter sido queimado no monte Eta, foi divinizado; de fato, perdido o que de humano herdara de sua mãe, ficou apenas com a parte divina, limpa, sem mistura e depurada pelo fogo. Só então pôde voar para junto dos deuses. Ora, também **estes homens, que a filosofia, como um fogo, despojou de tudo aquilo que, por deficiência de apreciação, os outros consideram estimáveis**, também eles, uma vez atingido o cume, alcançam a felicidade e já nem se lembram da riqueza, da glória e dos prazeres: pelo contrário, desdenham dos que cuidam que esses bens são reais (LUCIANO, 1986:27-29).

No decorrer do diálogo, Licino convence Hermotimo de que todas as correntes filosóficas estão mal fundamentadas, fato que também pode ser observado quando o personagem Licino salienta que o que deveria ser simples — o mistério se transformar em saber — exige uma vida inteira de aprendizado. Salientamos que, no texto, Licino pergunta a Hermotimo há quanto tempo ele frequenta a casa do mestre, e ele responde que “há vinte anos”, mas que seu aprendizado não estaria concluído, acreditando que em aproximadamente vinte anos sua formação estaria completa. Hermotimo também explica que iniciou sua formação filosófica aos quarenta anos, portanto, aos sessenta estava na metade do aprendizado. Apesar do período de aprendizado, fica evidente que as suas críticas às outras correntes filosóficas são infundadas, pois não há conhecimento sobre as mesmas. Isso fica evidente em vários momentos da obra. Destacamos, entretanto, as seguintes falas de Hermotimo que evidenciam a dificuldade do aprendizado filosófico: Como é isso, Licino, se só agora começo a vislumbrar o caminho? Ora a Virtude, no dizer de Hesíodo, mora muito longe, e o caminho que a ela conduz é longo, ladeirento e escabroso, exigindo do caminhante uma dose nada pequena de suor (LUCIANO, 1986:21).

Isso não tem comparação, Licino: a empresa não é como tu a imaginas, não é coisa suscetível de se levar a cabo e ser conquistada em pouco tempo... nem que milhares de Alexandre a atacassem. Se assim fosse, muita gente haveria que a escalasse. [...] Mas os que aguentarem até o fim, esses, atingem o cume e, a partir de então, alcançam a felicidade e passam a gozar, para sempre, duma vida maravilhosa, contemplando, lá do alto, os outros homens — quais formigas (LUCIANO, 1986:25).

A crítica de Luciano aos filósofos e à filosofia, de um modo geral, também ocorre em outra obra do mesmo autor conhecida por *Filosofias à venda*, em que se critica o tratamento superficial dado às diversas “filosofias”, a exemplo dos inúmeros “filósofos” que povoam as praças e mercados e que lucram com a pretensa sabedoria que propagam. Boaventura (2008:12) resume da seguinte maneira o teor de *Filosofias à venda*:

Zeus, ajudado por Hermes, põe à venda as diferentes escolas de filosofia grega, algumas delas trazidas pelos seus fundadores: pitagóricos, Diógenes, Heraclito e Demócrito (num só lote), Sócrates, Crisipo, epicurismo, estoicismo, ceticismo peripatético. Hermes atrai os potenciais compradores, todos comerciantes, gritando alto e em bom som “À venda! Uma variedade sortida de filosofias vivas! Posições de todo o tipo! Pagamento à vista ou mediante garantia!”. A “mercadoria” vai sendo exposta, os comerciantes vão chegando e têm o direito de interrogar cada uma das filosofias à venda, começando invariavelmente com a pergunta pela utilidade para o comprador e a sua família ou grupo. O preço é estabelecido por Zeus que, por vezes, se limita a aceitar ofertas feitas pelos comerciantes compradores. A

venda tem pleno êxito e Hermes termina, ordenando às teorias que deixem de oferecer resistência e sigam com os seus compradores, ao mesmo tempo que avisa o público: “Senhores, esperamos vê-los amanhã. Estaremos oferecendo novos lotes úteis para homens comuns, artistas e comerciantes”.

Na obra *Filosofias à venda* Luciano descreve diferentes filosofias propondo seu modo de vida às pessoas, atraindo alunos e demonstrando o quanto o seu método era superior ao da outra corrente. Em *Hermotimo*, as falas de Licino, através de múltiplas comparações, evidenciam a dificuldade em se avaliar qual a melhor dentre as diversas correntes filosóficas por falta de conhecimento das mesmas:

E então? **És capaz de me indicar alguém que**, em matéria de filosofia, já tenha experimentado todas as vias e que, conhecedor das doutrinas de Pitágoras, de Platão, de Aristóteles, de Crisipo, de Epicuro e dos outros, finalmente **tenha escolhido, dentre todas essas vias, uma única**, que ele aprovou como verdadeira e que sabe, por experiência, que essa e só essa conduz em direção à felicidade? De fato, se encontrássemos alguém nessas condições, acabavam os nossos problemas (LUCIANO, 1986:83).

[...] Haverá, porventura, **alguém que fosse capaz de percorrer todas aquelas fases que eu referi?** Tu mesmo reconheceste que tal tarefa é impossível. Ora, no caso presente, afigura-se-me que te comportas exatamente como uma pessoa que chorasse e acusasse o destino [...] sem previamente teres analisado se o teu desejo era realizável e estava de acordo com a natureza humana. [...] E, no entanto, a população, ao ver ou ouvir contar tais maravilhas, acredita nelas e deixa-se seduzir pelo seu caráter estranho e bizarro (LUCIANO, 1986:117-121).

Licino demonstra que a escolha de Hermotimo é tola porque ele, além de não conhecer as outras “filosofias”, tem a visão obscurecida pelos desejos pessoais, não conseguindo distinguir entre sonho e realidade. O ideal estoico o atraiu como, normalmente, atrai uma “mulher de extraordinária beleza” de quem se ouviu falar, sem previamente se ter avaliado se uma mulher assim realmente existia. Da mesma maneira são os ideais filosóficos de Hermotimo, visto que não foram comprovados, ou sequer foram analisados enquanto desejos, logo não são verdadeiros.

Cabe-nos salientar que o momento histórico em que Luciano estava inserido foi um momento de intensas trocas culturais e o estoicismo e seus adeptos revestidos de um discurso atraente e com explicações sem aprofundamento que buscavam atrair uma população indecisa e sem conhecimento e por que não dizer perdida nesta nova configuração sincrética de mundo.

No prefácio da edição bilingue portuguesa, Custódio Magueijo (1986:16) diz: Estou inclinado a pensar que o autor, por um lado, “consente” em se conformar à técnica de argumentação do seu adversário, e, por outro, teria entendido que o assunto era tão sério que se impunha uma certa contenção, isenta dos processos mais crucialmente burlescos, mas, mesmo assim, sorridente e irônica: rude, mesmo rude, só o golpe final.

*Hermotimo* é considerado um dos diálogos mais longos e expositivos de Luciano, mas, apesar da crítica dissipada ao longo do diálogo, o efeito dela só é averiguado ao final quando Hermotimo afirma: “Oxalá eu pudesse vomitar todas essas tretas que lhes ouvi” (pág. 135).

Entretanto, apesar de Hermotimo se autodenominar estoico, Luciano evidencia em seu discurso, como nos atesta Magueijo, que sua obra: “não condena, propriamente, as diversas escolas filosóficas, mas sim o seu exclusivismo, o seu dogmatismo, a sua intolerância e, muito especialmente, a distância que vai dos princípios morais apregoados à prática real dos grandes mestres”, como fica explícito nas palavras de Licino:

E não cuides, caro amigo, que foi por preconceito relativamente ao Pórtico, ou arrebatado por um ódio especial contra os estoicos, que eu disse tudo quanto disse; ao contrário, **as minhas palavras estendem-se a todos**. Efetivamente, dir-te-ia precisamente a mesma coisa se tu tivesse optado pela doutrina de Platão ou de Aristóteles e condenasses as outras indistintamente e à revelia. No caso presente, porém, e uma vez que deste a tua preferência à filosofia estoica, as minhas palavras deram a impressão de estarem dirigidas contra o pórtico, quando nada têm de especial contra ele (LUCIANO, 1986:83).

Licino considera que alguns, assim como o personagem Hermotimo, são ingênuos em suas escolhas, enquanto muitos filósofos, como o mestre de Hermotimo, utilizam o desejo pelo saber para a conquista de bens que não estão relacionados com a filosofia. Hermotimo, assim como aqueles que lutam pela sombra do burro, trava com Licino um combate dialético insano, pois ao não questionar a doutrina que estudava e dizia seguir, simplesmente a aceitava.

O texto de Luciano atinge o objetivo maior do convencimento e termina seu diálogo com a confissão de Hermotimo: “De hoje em diante, se alguma vez, e contra a minha vontade, ao caminhar na

rua, topar com um filósofo, desviar-me-ei, evitá-lo-ei como a um cão danado.” Assim, mais uma vez, Luciano denuncia os problemas da sociedade, e nós, seus eternos devedores, nada mais fizemos do que compartilhar um pouco das suas reflexões, que neste texto, embora voltados à filosofia, se adequam a qualquer área do saber.

Terminamos esse percurso citando o grande especialista Jacyntho Lins Brandão, que destaca a importância das obras de Luciano para a nossa geração:

Da admiração à condenação, as avaliações perseguem o campo nebuloso de um sentido que mais recebe do leitor que dá a ele. Isso não se deve ao pouco que conhecemos sobre a vida de Luciano, à ausência de testemunhos de seus contemporâneos, à estigmatização como o Anticristo na Idade Média bizantina; deve-se, antes, ao próprio caráter de um discurso que circula marginalmente (diabolicamente) em torno do próprio, recusando assumir uma propriedade oposta, mas assegurando um outro espaço para a expressão da diferença. Um discurso de cão que morde rindo, cuja extrema estranheza, do ponto de vista da história de sua recepção, me parece bem considerada na ficção biográfica da Suda, já referida na introdução, a qual, no âmbito do imaginário cristão, confirma o caráter de marginalidade e de deslocamento do corpus lucianeum: após ter morrido devorado justamente por cães – afirma o anônimo erudito bizantino – Luciano, “no futuro, será herdeiro do fogo eterno, na companhia de Satanás”. Basta refletir que nós somos o futuro de Luciano para aquilatar a perspectiva que deve enquadrar a leitura de sua obra. (2001:272).

#### **Referências bibliográficas:**

BRANDÃO, Jacyntho José Lins. *A poética do Hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética, Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno*. São Paulo. 2ª edição. Companhia das Letras, 2006.

LUCIANO. *Heremotimo ou as escolas filosóficas*. Trad. Custódio Magueijo. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1986.

—. Obras completas de Luciano traduzidas para o inglês [<http://www.gutenberg.org/browse/authors/l#a1997>].

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal*. In *Revista crítica de Ciências Sociais*, 80, 2008: 11-43.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.